

Cinquenta anos depois da morte,

A obra de Pessoa no domínio público

Cinquentenário provoca uma «explosão editorial»

Por JOSÉ GOMES BANDEIRA

É quase uma «explosão editorial» — por certo, um dos momentos altos na história da publicação do livro em Portugal — o que deverá assinalar a passagem dos 50 anos da morte de Fernando Pessoa e, simultaneamente, por força da legislação em vigor, a queda no domínio público dos direitos de edição da obra do genial poeta da «Mensagem».

De acordo com uma breve «ronda» feita junto de diversas casas editoriais portuguesas, pode afirmar-se que neste momento, em diversos pontos do país, milhares e milhares de páginas estão a sair todos os dias das máquinas impressoras e das rotativas das nossas tipografias.

Por outro lado, às reedições e às edições de inéditos com que actualmente se ocupam muitas das nossas editoras, há que acrescentar os estudos e os ensaios, as revistas e os jornais, as notícias e os catálogos, os folhetos e os convites em torno de um sem-número de iniciativas que já começaram a desenhar.

Mas é também verdade — e o êxito editorial das suas obras atesta para o comprovar — que tem sido o grande público, incluindo os estudantes e a juventude de um modo geral, a fazer igualmente a sua caminhada até Fernando Pessoa. Só assim, aliás, se compreende que este

Coimbra a Oxford e Friburgo. E um pouco desse panorama, destacando a actividade editorial, que aqui registamos. Começando pelo Porto, cidade onde (na revista «A Águia») F. Pessoa se estreou como crítico literário.

• **AJHLP (Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto)** — edita e apresenta (hoje mesmo) o novo livro do prof. José Augusto Seabra, um dos nossos melhores pessoanistas, «A Pátria de Pessoa e a Língua Portuguesa». A AJHLP inaugura também a sua primeira exposição internacional de arte postal, dedicada a Pessoa, com trabalhos (cerca de meio milhão) provenientes de todo o mundo e subordinada ao tema «O poeta é um fingidor». Outra edição da AJHLP será «A socialização da arte em Fernando Pessoa», de Fernando Alvarenga. De referir ainda que no salão desta mesma «Casa dos Jornalistas», do Porto, tem estado

mada ainda — disse-nos um responsável — a edição de diversos inéditos, para breve.

• **CLASSICA EDITORA** — vai editar poemas de heterónimos pessoanos (Alvaro de Campos e Alberto Caeiro) e também a «Mensagem». Para já, uma obra do poeta apresentada por L. Oliveira e Silva.

• **EDITORIAL PRESENÇA** — tendo acabado de editar «Fernando Pessoa e a filosofia hermética» (estudo de Yvette Centeno), a «Presença» lança em Dezembro uma antologia do poeta, prefaciada e organizada por Maria Aliete Galhoz, que inclui poemas inéditos.

• **DINALIVRO** — dentro de dias publicará «O Heterodoxo Pessoa», ensaio do prof. José Augusto Seabra.

• **REGRA DO JOGO** — na col. Ensaio sairá o livro de Yvette Centeno «Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação» (início do próximo ano). Na mesma col. sairá «Pessoa e Eça», de Beatriz Berrini.

• **IMPRESSA NACIONAL** — editará, nomeadamente: «Pessoa Mínima», de António Tabuchi; «Fernando Pessoa — Uma fotografia», de Maria José Lancastre (reedição); «A poesia de Fernando Pessoa», obra de A. Cascais Monteiro apresentada por José Blanco; «O essencial sobre Fernando Pessoa», de Maria José Lancastre; «Homenagem a Fernando Pessoa», de José João Brito; «Fernando Rei da nossa Baviera», de Eduardo Lourenço; «Uma conversa no Outono de 1935», ilustrações e um texto de A. Tabuchi.

• **SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO (SITESE)** — de Lisboa, também se junta às comemorações com o livro «Fernando Pessoa, empregado de escritório», de João Rui de Sousa, com lançamento de prestígio (no passado dia 27) no Café Martinho da Arcada.

• **ÁTICA EDITORA** — esta casa tão ligada ao poeta, como sua editora exclusiva até hoje, vai colocar já no mercado algumas reedições, a começar pela «Mensagem». Está progra-



Um panorama (necessariamente incompleto) da projecção da obra pessoana.

dear uma das maiores movimentações de índole cultural nas últimas décadas da nossa apagada e vil tristeza.

A morte de Fernando Pessoa estava ainda inédita a esmagadora maioria da sua vastíssima produção literária, significando agora o manancial de estudos e (re)edições a que vamos assis-

jam programadas dezenas de iniciativas — na rádio, nos jornais, na televisão, nas livrarias, nas associações, nas salas de concertos e de cinema, nas galerias de exposições, etc. — que irão atrair o interesse de milhares de pessoas, do Porto ao Rio de Janeiro, de Macau a Londres, de Lisboa a Paris e de

patente um conjunto de obras do pintor Quim Bica sobre Fernando Pessoa.

• **III CONGRESSO PESSOA-NO** — durante este congresso terão lugar duas sessões de lançamento dos livros (já citados) de A. Tabuchi e de Maria José Lancastre.

Pessoa está mais vivo

Alberto Caeiro
Álvaro de Campos
Ricardo Reis
Bernardo Soares
Fernando Pessoa

E da dispersão nasceram vozes... — a heteronímia pessoana

Por ANA PAULA COUTINHO e GRAÇA MARIA CRUZ

«Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio (...). Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única realidade que não está em nenhuma e está em todas.»

Personalidade repartida, Fernando Pessoa, perante a vida que o angustiava, tenta encontrar a resposta em vozes que ecoavam em si de uma forma intensa. Para ser ele próprio, multiplica-se num universo de escritas, expressando cada uma delas um olhar específico e um modo particular de estar no Mundo. Nasce assim os heterónimos, num dia de Março de 1914, segundo uma carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

Na criação heteronímica pessoana não se trata de um conjunto de meros pseudónimos. Estes ficam-se apenas pela menção imaginosa de um nome mais ou menos sonoro que pretende esconder uma só personalidade literária. As figuras criadas por Pessoa não são de forma alguma pseudónimos. São antes personalidades literárias que derivam do próprio acto da escrita. Neste caso, os poemas preexistem aos poetas.

Pessoa fala-nos, assim, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, personalidades com uma biografia própria e até mesmo um horóscopo. Há ainda o semi-heterónimo Bernardo Soares que por ser tão autobiográfico, não adquire a autonomia dos outros.

JORNAL DE NOTÍCIAS
30/11/1985

Como é que Fernando Pessoa, uma personalidade tão rica e ao mesmo tempo com sintomas de esquizofrenia, poderia concentrar-se numa só pessoa? Como não inventar outros homens e outras atitudes face ao Mundo?

Só que todas estas vozes alternativas e dispersas concentram-se na sede do Absoluto como saída para o mundo do absurdo. Afinal, a busca da dispersão era uma forma de aceder à Totalidade...

«...eu quero sentir tudo De todas as maneiras. E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas. Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.»

